

CRÔNICA PARA UM HOMEM CORDIAL

José Roberto do Amaral Lapa
(Unicamp — Campinas)

(Publicado no **Correio Popular**, de Campinas, no dia 16 de maio, o presente artigo é aqui transcrito numa homenagem ao grande historiador Sérgio Buarque de Holanda, falecido a 24 de abril do corrente ano.)

Vamos chegando a um momento da jornada, no qual os anos acumulados levam-nos a figurar como personagens de certas histórias. Menos pelo ensejo ou capacidade de protagonizar situações, de passar de sujeito a objeto ou de resgatar passos perdidos pelos caminhos do mundo, e mais porque tivemos o privilégio de receber muito com quem cruzamos ao longo dos referidos caminhos.

Com a morte de Sérgio Buarque de Holanda são consideravelmente reduzidas as dimensões de toda uma geração de historiadores brasileiros que se formou e se profissionalizou antes e/ou independente das Faculdades de Filosofia. Geralmente bacharéis em Direito, pois ainda não havia sido conferida à História o nível superior de ensino. Assim e por isso, essa geração, cuja obra permanece e permanecerá como um momento do pensamento histórico brasileiro, foi na verdade pouco aproveitada pela Universidade, cujas estruturas empedernidas sempre se eriçaram com o concurso de intelectuais do porte de Caio Prado Júnior, José Honório Rodrigues ou Nelson Werneck Sodré, para citarmos apenas alguns nomes da geração de Sérgio Buarque.

Já com o autor de **Caminhos e Fronteiras**, sem ser possível desconhecer a significação de sua obra, então realizada, foi-lhe aberta a USP, onde ingressa em 1956, tendo sido responsável pela orientação de expressivo número de historiadores, cujos trabalhos dignificaram a produção científica daquela Universidade. Dela só sairia num ato espontâneo de independência e solidariedade intelectual e humana.

Com um conjunto de livros marcados pelo estilo de um historiador que dominava — o que não é muito comum na comunidade — a língua portuguesa, escrevendo excepcionalmente bem, com vocação crítica aparelhada de superior erudição, Buarque de Holanda é possivelmente o único entre nós a ter aplicado, geralmente com bons resultados, a Psicologia Social à História, chegando a elaborar proposições teóricas, das quais a mais conhecida, usada e abusada, e finalmente desdenhada, de certa maneira pelo seu próprio criador — a do **homem cordial** — despojava a história da formação social brasileira do seu componente cruento.

Essa teorização que colocava dialeticamente defeitos e qualidades do homem que aqui se erigiu, estava embutida na constelação de estudos sobre o “caráter nacional brasileiro”, que empolgaram em época não muito afastada, as ciências sociais no Brasil. Procurava surpreender no indivíduo, no grupo e na sociedade, mais do que na classe social, potencialidades e carências exacerbadas.

Mas, não foi com essa proposta ou só com ela, que o autor de **Raízes do Brasil** conquistou seu espaço em nossa historiografia. Antes, foi pelo conjunto e expressão de sua obra, onde são revistas velhas questões ao lado de colocações inovadoras que muitas vezes arrebataram com esquemas convencionais, foi pela independência intelectual e ideológica do seu trabalho na Universidade e fora dela, pela dimensão humana com que soube pulsar as suas atitudes.

Durante a elaboração de nossa tese de doutorado, frequentamos com certa regularidade a casa da Rua Buri, 35, no Pacaembu, pois era o nosso orientador. Tínhamos longas conversas, interrompidas pelo cafezinho de dona Maria Amélia ou pela discreta passagem das crianças, entre elas Chico Buarque. Conservamos ainda os originais do trabalho, trazendo nas margens as anotações que fazia com sua letra miúda. Não deixava passar cochilos de redação e emprestava-nos o apuro de construções redacionais que conferiram outra feição ao texto. As indicações fatuais e bibliográficas que o seu conhecimento permitia, os contatos para os quais nos recomendou, tornaram possível gabaritar o que tinha acanhado alcance.

Mas, não era fácil centrar nossas discussões em suas anotações críticas ou mesmo nos pontos sobre problemas específicos, com os quais nos debatíamos. O nosso esforço nesse sentido nem sempre era bem sucedido. Acontece que Sérgio Buarque era excelente **causeur**, tinha humor e sarcasmo em suas observações e comentários, sabia contar anedotas pican-tes.

As viagens que fizera, os contatos e convivência com a geração modernista, o domínio da literatura brasileira e universal, a segurança inclusive com as artes, o desempenho na Biblioteca Nacional, no Museu Paulista, no Instituto de Estudos Brasileiros, entre outras instituições, bem como o impressionante conhecimento histórico que possuía, indo do detalhe sobre abelhas indígenas aos métodos sertanejos de caça ou de arcaicas técnicas agrárias até a visão abrangente de nossa formação e afinal a interpretação do Brasil, sempre davam o mote para as digressões, das quais gostosamente participávamos, sem ver o tempo passar, surpreendidos já noite avançada no Pacaembu.

Sabia quebrar a austeridade dos rituais e atos acadêmicos. Em quantos concursos e reuniões, os seus comentários chistosos riscavam o ar, caricaturando façanhudos ou apontando equívocos.

A sua obra procura conhecer e descrever todo um complexo de comportamentos do colonizador e do colonizado, entendido nos detalhes e no seu conjunto. Dessa maneira, seus pressupostos são centrados numa tese: a de que só compreenderemos esse quadro de atitudes e reações da sociedade brasileira através do estudo de suas raízes ibéricas. Para chegar a essa concepção suas pesquisas e estudos fizeram novamente o percurso das fontes que para outros autores já não tinham mais o que informar.

A experiência que teve no campo didático foi pequena e em historiografia deixou uma avaliação crítica de qualidade sobre os estudos históricos brasileiros na primeira metade do século.

A contribuição maior foi à História Social e à História Política, num primeiro momento detendo-se em nossa formação colonial, para depois oferecer alguns estudos de história política sobre o Império, em abordagens heterodoxas para os padrões e modismos que costumam alvoroçar os arraiais de historiadores brasileiros.

Ao desenvolver a teoria sobre a maneira cordial de ser brasileiro — que adestramos como indivíduos e como povo — Sérgio Buarque considera em certa passagem que: “No **homem cordial**, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com o outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro — como bom americano — tende a ser a que mais importa. Ela é antes um viver nos outros. Foi a esse tipo humano que se dirigiu Nietzsche quando disse: ‘Vosso mau amor de vós mesmos faz do isolamento um cativoiro’”.

Falava, sem dúvida, de si. Viveu e viverá nos outros. Na esposa e nos filhos que deixou. Na obra que construiu, nos amigos que conquistou. Em nós, seus alunos e orientandos.